



## Em entrevista, a professora Miriam Abramovay discute a violência nas escolas

Doutora em Ciência da Educação pela Université René Descartes, Paris V, Sorbonne;  
Graduada em Sociologia e em Ciência da Educação – Université de Paris VIII;  
Mestre em Educação: História, Política, Sociedade – PUC-SP.  
Secretária executiva do Observatório da Organização dos Estados Ibero-Americanos; Diretora de pesquisa – Instituto de Estudos Avanzados de las Américas e conselheira do Conselho Nacional de Juventude.  
Brasília – DF [Brasil]  
[miriam@violenciasnasescolas.org.br](mailto:miriam@violenciasnasescolas.org.br)

**Dialogia:** Uma das questões que vêm ganhando destaque entre as diversas discussões sobre violência na escola é a do *bullying*, conceito difundido na Europa e nos Estados Unidos. Qual sua opinião a respeito?

**Miriam Abramovay:** Essa é uma discussão interessante. Dou razão a um autor que diz que temos quase uma necessidade pós-moderna de dar nomes novos a fenômenos antigos... *Bullying* significa intimidação, e não vejo a necessidade de inventarmos um termo novo, e ainda mais em outra língua, para definir um fenômeno tão velho quanto o da intimidação na escola. *Bullying* é um outro nome para uma das diversas violências que existem nas escolas e que envolvem a ridicularização do outro, por meio de sua exposição ao constrangimento, à intimidação, seguida ou não de coação física.

Esse conceito foi sistematizado na Noruega pelo professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen, que utilizou um programa *antibullying* desenvolvido nas escolas norueguesas, e que serve muito bem para aquele país, pois, na Noruega,

---

arma não entra na escola, muito menos droga, mesmo porque também não há tráfico. Naquele país, os alunos não ameaçam de morte os professores, nem os professores retrucam xingando os alunos de “picolé de breu”, “picolé de asfalto”, ou “toalha de mecânico” etc., todas manifestações do imenso racismo que existe no Brasil. Aqui, a coisa não se restringe à discriminação ou intimidação em relação ao menino gordinho ou à menina sardenta, de óculos... Nosso problema é muito mais profundo, tanto que o grande sucesso do programa da *antibullying* se deu nas escolas particulares, principalmente no Rio e em São Paulo, nas quais a clientela se dispõe a pagar por esses programas – que são caríssimos –, acessíveis a poucos privilegiados.

Então, prefiro considerar a existência da intimidação, das práticas de constrangimento, da coação, mas não falo em *bullying*, e acho que esses fenômenos têm de ser tratados e equacionados como as demais formas de violência, apenas destacando que se trata das mais brandas de todas.

**D:** O que move um agressor contumaz? Esse tipo de comportamento é um traço cultural, faz parte do cotidiano social do agressor?

**MA:** Bem, nesse ponto estamos falando de duas posturas diferentes. Uma é a atitude de incivilidade daquele menino que pôs o apelido no outro, ou do menino que deu um pontapé, ou o que pegou uma borracha e a atirou no colega etc. Outra é a questão do agressor, quer dizer, aquela pessoa que tem um perfil diferente das demais. Temos de levar em consideração que existe uma relação meio bruta, meio violenta no trato entre os jovens de hoje, mas é possível perceber quando esse comportamento chama a atenção, passa do limite.

Não é aquele tratamento dos jovens que chegam ou se despedem, dando um empurrãozinho um no outro: isso não quer dizer que sejam transgressores, ou que tenham perfil “de delinqüência”; há que separar isso, essa “violencinha” do dia-a-dia, essa incivilidade ou pequena violência que acontece no cotidiano, desde que se tenha presente, minimamente, que a escola é lugar de socialização, de aprendizagem, de convívio, um lugar no qual passam boa parte de suas vidas e em que há a necessidade de respeitar e ser respeitado.

Existem, no entanto, aqueles jovens realmente transgressores, que são violentos, que roubam nas dependências da escola, que ameaçam e aterrorizam a vida dos outros, mas esse não é o perfil da maioria dos alunos: são exceção, não a regra. A regra é aquela da incivilidade, do mau comportamento, das relações meio brutas, e não das grandes transgressões.

**D:** Qual a relação entre violência escolar e social?

**MA:** Existe um problema evidente que é a violência na sociedade, que, sob a perspectiva do educador, chamamos de violência “extramuros”, ou seja, aquela que está no nosso dia-a-dia, que permeia nossas vidas, que vemos e sentimos fora dos muros da escola.

Essa violência é trazida de fora para dentro do ambiente escolar, principalmente pela existência de conflitos e de expressões organizadas que refletem essa manifestação, como as gangues, no entorno da escola, inserindo, portanto, a questão da vulnerabilidade no “intramuros”.

Não é preciso, necessariamente, haver gangues dentro da escola, mas só o fato de elas existirem no entorno já estabelece a possibilidade

– bem real – de que algum aluno seja abordado tanto ao se dirigir à escola quanto ao sair do estabelecimento, de que seja “jurado de morte”, ocorram brigas ou haja consumação de algumas vinganças, ou, ainda, de que sejam executados alguns “acertos de contas”. Há também a questão da violência ligada ao tráfico, que, muitas vezes, está dentro da escola ou ao redor dela. Essas são situações que apontam para uma vulnerabilidade social, em que prevalece a falta de perspectivas e que, transplantada para o interior da escola, apenas reflete o que ocorre nas comunidades e nos bairros vulneráveis aos quais ela atende. Contudo, a questão da violência vai mais longe; no ano passado, em São Paulo, tivemos três ou quatro casos de morte que aconteceram na escola, nem todos gerados de conflitos externos, vindos do “extramuros”.

A violência dura, ligada ao tráfico, à droga, à gangue, está vinculada à violência geral da nossa sociedade e, por isso, precisa ser combatida com a adoção de políticas adequadas. Há, porém, outro tipo de violência que permeia as escolas e merece atenção, que é a cotidiana, “intramuros”, por assim dizer, que se refere à incivilidade, à pequena violência que vemos nas relações entre alunos – como eles se tratam, a maneira como se xingam, como se intimidam –, isto é, um tipo de violência corriqueira nas escolas. Junto a essa modalidade encontramos a violência que permeia as relações

aluno-professor. Na última pesquisa que realizamos (*O cotidiano das escolas*, Unesco/MEC, 2006), foram identificadas diversas situações desrespeitosas, de ofensa e até de humilhação, a que os

professores são submetidos na sua massacrante rotina diária de trabalho. Há casos de professores ou diretores que foram obrigados a se retirar da escola por serem ameaçados de morte, ou, então, tiveram de passar pelo constrangimento de sofrer ameaças físicas, sem contar os danos causados a seus veículos. Em nossa pesquisa, aparecem muitas ocorrências de pneus furados, carros arranhados, quer dizer, além da própria pessoa, o bem material do professor também é um alvo; os professores não têm formação para enfrentar esse tipo de

ocorrência, isso não é discutido, as ações que se poderiam planejar, para equacionar esse tipo de comportamento, simplesmente não são tratadas. “Vamos chamar a patrulha escolar” – ou como quer que se chame a polícia que cuida da escola –, é o que se ouve comumente. Vale dizer que isso não resolve nada, porque é uma questão que a própria escola tem de avaliar por meio de um diagnóstico objetivo, que envolva todos os interessados.

Discutindo claramente o que está acontecendo intramuros, podemos vislumbrar soluções coletivas, com a participação dos interessados, e, agindo dessa forma, não estaremos confundindo educação com repressão, um perigo sempre presente.

**“Nosso problema é muito mais profundo, tanto que o grande sucesso do programa da antibullying se deu nas escolas particulares, principalmente no Rio e em São Paulo, nas quais a clientela se dispõe a pagar por esses programas – que são caríssimos –, acessíveis a poucos privilegiados.”**

---

**D:** Em seus trabalhos, a senhora identifica estreita relação entre violência e vulnerabilidade social, principalmente nas camadas populares. Para minimizar esse problema, existem, hoje, diversos projetos governamentais desenvolvidos em parceria com escolas públicas (o *Escola da Família*, por exemplo). O que pensa de tais projetos?

**MA:** Na verdade, o que vemos tanto no Escola da Família, no Escola Aberta quanto em alguns outros projetos que seguem essa mesma linha é que nossos jovens reivindicam prática de esportes, acesso às artes, cultura, lazer; portanto, tudo que fizermos para garantir-lhes essas conquistas é válido. A escola é um espaço público e, por isso, tem de ser aberta à população, principalmente, às comunidades repletas de crianças e jovens. No entanto, não é o que normalmente ocorre.

Em geral, a escola é um espaço muito fechado. Uma prova disso é que não vemos os pais irem à escola constantemente – quando vão, é para resolver algum problema, com o próprio filho. Essa questão, em anos recentes, no Brasil, vem sendo repensada, tanto que já se começa a quebrar essa barreira que há entre a escola e a comunidade. Isso acaba revelando um outro lado do problema da violência e das diferentes vulnerabilidades, porque é muito mais fácil e simples cuidar do problema no fim de semana – abrindo a escola, como é feito atualmente –, do que fazer um diagnóstico sobre o que é nossa escola e o que é o clima escolar cotidiano, visando a solucionar efetivamente esse problema.

Abrir esses espaços nos fins de semana não basta, é muito pouco, mesmo porque há problemas que acontecem durante a semana e que são

muito maiores. É ilusório pensar que se pode equacionar a questão da violência – e quando se fala, especificamente, em violência relacionada à escola no Brasil, sempre se defende a abertura da escola nos fins de semana, como uma maneira de atenuá-la. Medidas desse tipo, embora importantes, são paliativas.

É muito difícil comprovar os resultados de medidas ou ações isoladas. Por meio de algumas avaliações que realizamos, a mais recente, em Porto Alegre (RS), verificamos que o programa de abertura das escolas nos fins de semana repercutia, positivamente, no cotidiano escolar. No entanto, foi difícil quantificar essa melhora, pois se constatou a existência de muitos problemas que transcendiam o ambiente escolar e que faziam parte de fenômenos maiores. Além disso, as questões específicas do ambiente escolar, com toda a sua complexidade, não recebem a necessária atenção. Problemas ligados à violência física, à simbólica e à verbal, somados à incivildade que prevalece nas relações entre professores, alunos, funcionários e a direção, têm feito da escola um cenário de tensão e desconforto, e não de prazer e tranquilidade. Acho que ainda se discute pouco essa questão, como se ela não tivesse a importância que tem.

Há que se buscar uma palavra melhor, mas penso que é necessário “intervir”, promover ações na comunidade escolar, particularmente entre os professores e diretores das escolas, com o objetivo de incluir, no currículo de formação e capacitação de cada um deles, informações mais detalhadas da escola em que atuam e dos fenômenos ligados a ela, para que possam, com os alunos, aprender e ensinar, tirar lições desse convívio cotidiano e torná-lo mais saudável.

---

**D:** Os programas de formação de professores podem dar os subsídios necessários para lidar com a violência na escola?

**MA:** Penso que nossos professores necessitam de programas de formação com ênfase nos direitos humanos, em políticas para a juventude que trabalhem com a questão da diversidade cultural nas escolas, que é uma situação muito difícil de lidar. Atualmente, a escola mudou e, diante dessa nova realidade, os professores têm encontrado dificuldades em se relacionar com a juventude atual e em aceitar a forma como eles se vestem, falam e se expressam. É muito complicado, para os adultos em geral e para os professores que convivem com o jovem de hoje, aceitá-lo como ele é e perceber que esse pode ser o caminho para combater a violência indiscriminada na escola. Para isso, é preciso ter interesse em conhecer os temas que atraem a juventude e que não são muito discutidos nas escolas, tais como o racismo ou a homofobia. De posse dessas informações, é importante abordá-las com desenvoltura, na sala de aula, assumindo posturas não preconceituosas. A preocupação em inserir, na formação profissional, temas vinculados ao cotidiano, infelizmente, ainda não faz parte do currículo das universidades, das faculdades de educação etc. Em sua maioria, elas são muito específicas, ensinam pouco da realidade aos futuros

**“Problemas ligados à violência física, à simbólica e à verbal, somados à incivilidade que prevalece nas relações entre professores, alunos, funcionários e a direção, têm feito da escola um cenário de tensão e desconforto, e não de prazer e tranquilidade.”**

professores e, inclusive, dedicam pouco tempo às atividades de campo que possibilitam qualquer tipo de observação, de atividade de pesquisa etc. Curso de formação de professores, que mereça o nome,

em qualquer nível, não visa a dizer o que fazer, como se fosse uma receita de bolo; é preciso discutir, elaborar programas de mediação escolar, escutar os jovens e tentar compreender o que deseja essa juventude, o que significa essa violência. Os cursos que temos hoje não oferecem quase nada disso.

Vejo que o grande problema que a escola enfrenta ao tratar da questão da violência está, exatamente, na maneira como se posiciona em relação ao tema: fechada em uma concha. Essa postura de falta de diálogo

com a população faz com que ela se torne uma instituição completamente “autista”, com imensa dificuldade para compreender as pessoas com as quais lida cotidianamente.

Acho que seria fundamental se a escola pudesse abrir os olhos e enxergar o real, sendo um pouco mais democrática, discutindo com os jovens que a freqüentam problemas que os afligem e gerem conflitos. Há coisas que são pequeninas, mas viram um drama, o que atesta esse autismo de que falei há pouco: há alguns dias, por exemplo, visitando uma escola, um professor mandou uma menina sair da sala de aula, porque ela estava chupando bala; fiquei completamente sem ação. Perguntei por que aquilo

---

seria um problema, e disseram que é porque as crianças, ao brincarem com o papel da bala, faziam barulho durante a aula; daí questionei o porquê de eles não pedirem para a cantina não vender mais balinha, que, aliás, estraga os dentes. Situações como essa, do cotidiano, evidenciam a inoperância autista da escola e acabam gerando uma atitude monstruosa, um conflito, que, se for examinado a sério, revela ser uma grande bobagem, uma coisa sem importância...

Mesmo no caso dos professores, quando se pergunta por que são ameaçados, na maioria das vezes, dizem que é por conta de nota, ou por chamarem a atenção do aluno, ou por mandarem-no para fora da sala – situações ligadas a questões mezinhas do dia-a-dia. Uma das grandes dificuldades é que, muitas vezes, por trabalharem com conteúdos que não se relacionam com a chamada cultura juvenil, muito diferente da cultura escolar tradicional, acabam desmotivando os alunos. Quando me refiro a isso, não estou querendo dizer que não se deva ensinar conteúdos, mas que é preciso, acima de tudo, escutar mais as pessoas, dialogar, porque se a escola não agir dessa forma sempre haverá conflitos, e para conseguir suplantá-los, sem dúvida, é necessário investir na formação do professor. No currículo tradicional de um curso de Pedagogia ou de Normal Superior, não há, ainda, essa preocupação. Por muitos anos fui professora da PUC e ficava escandalizada com o tipo de currículo que existia no Normal Superior e no curso de Pedagogia. Lecionava uma matéria que tinha a ver com pesquisa, mandava os alunos a campo e era uma descoberta para eles. No entanto, já estavam no último ano da faculdade e só naquele momento iniciavam contato com uma realidade que deveriam ter conhecido desde que entraram

na universidade; isso é inaceitável, em se tratando de um curso de Pedagogia. Esse exemplo demonstra que os conteúdos e currículos nas nossas faculdades são falhos e se preocupam apenas em formar especialistas em Português, em Matemática, em Física, em Inglês e em outras disciplinas. Essa maneira errônea de trabalhar a formação dos professores desconsidera que o ato de ensinar envolve a relação humana com as pessoas, ou seja, com os alunos, para entender quem são e perceber o “muro” que existe entre o ensinar e o contato quase-humano que se estabelece com essas pessoas.

**D:** Fala-se muito em vulnerabilidade do aluno, do cidadão na sociedade, mas o professor também se encontra nessa situação. Que providências a escola poderia tomar que permitissem ao professor lidar apropriadamente com a violência?

**MA:** No mais recente trabalho que realizamos sobre a questão da violência verbal entre professores e alunos, constatamos uma agressividade, quase inacreditável, na forma como professores se referem aos alunos, como eles os ofendem e os xingam a todo momento; no entanto, eles também são vítimas, porque são xingados, maltratados, desrespeitados, alvo de intimidação etc. Esses problemas de relacionamento são um indício de que os professores não estão sabendo o que fazer, como se comportar ou agir diante dessa realidade em constante mutação. Há cerca de 20 ou 30 anos, a escola recebia uma “elite”; era uma população muito homogênea, bem diferente do que se vê hoje em dia, em que prevalece uma população completamente heterogênea na escola.

---

Por exemplo, estamos trabalhando uma proposta experimental muito interessante em São Luís (MA): vamos recolher informações de todas as escolas do município e fazer um diagnóstico da violência nelas existente. Ao retornar esse resultado para as escolas, pretendemos conversar com os integrantes do conjunto da rede e propor ações para reverter o que está, efetivamente, acontecendo; a partir daí vamos, ao mesmo tempo, estudar o que deu certo em São Luís, que servirá não apenas como exemplo, mas também como referência para agir em outros municípios.

Essa experiência será importante porque existe uma necessidade muito grande e urgente de lidar com elementos concretos

que sinalizem o que está acontecendo realmente, para não ficar somente na base do “achismo”, da generalidade. É primordial saber o que cada um dos professores sente, o que pensa acerca de cada tema que julgue importante: se fulano está vendendo droga na escola, se sicrano se comporta mal, se existe problema de alcoolismo. Enfim, o que importa é recolher o máximo possível de evidências para localizar, com precisão, as origens dos comportamentos violentos em suas diferentes manifestações. Esse perfil poderia estar inserido no projeto político-pedagógico da escola, dando sustentação às ações que venham a ser implementadas.

É preciso considerar que tudo aquilo que se pensa realizar na escola e para a escola não depende apenas de professores com melhor formação ou de alunos conscientizados e integrados,

mas também de uma gestão escolar eficiente que, por sua vez, dependerá da atuação eficaz do diretor. Escolas que lograram mudanças bem-sucedidas, evidentemente, puderam contar com diretores mais abertos, mais preocupados em avaliar o conjunto dos problemas enfrentados pelas escolas e pelo seu entorno, e em dispor de um diagnóstico mais real, mais científico do que estava ocorrendo nas escolas. Se a direção não adotar esse tipo de postura, é bem provável que triunfem os julgamentos e as medidas carregados de preconceitos – se aparece

um problema envolvendo drogas, a primeira opção é chamar a polícia e lavar as mãos. Será que é isso que tem de ser feito? Por mais que o diretor tenha boa vontade, ele também faz parte do grupo de pessoas que necessita participar dessa discussão, integrar os processos de formação etc.

Há cerca de três anos, publicamos o livro *Experiências inovadoras (Escolas inovadoras, Unesco/MEC, 2003)*, contendo experiências de escolas que, de fato, haviam conseguido mudar sua situação. Nesses relatos, fica patente que os diretores têm de estar abertos para as políticas adequadas – e, nesse caso, não é preciso que se tenha uma política pública grandiosa – em que

**“[...] constatamos uma agressividade, quase inacreditável, na forma como professores se referem aos alunos, como eles os ofendem e os xingam a todo momento; no entanto, eles também são vítimas, porque são xingados, maltratados, desrespeitados, alvo de intimidação etc.”**

---

se pense na formação de professores e mediadores escolares, em projetos e programas que possam ser desenvolvidos em nível local etc. Todas essas questões ligadas à violência, à arbitrariedade, à falta de democracia incidem sobre a qualidade do ensino, de maneira expressiva e mensurável.

Por fim, a questão da abertura tem de chegar à comunidade, ao entorno da escola. Os pais de alunos, em geral, são a expressão mais visível da população mais próxima da escola. Se esse processo de diálogo começasse pelos pais, já estaria de bom tamanho, porque, além do aluno e do professor, eles também vivem uma situação complicada e, muitas vezes, não encontram, por parte da escola, nenhuma abertura, exceto quando há alguma queixa em relação ao aluno.

**D:** Para terminar, o que a senhora nos pode dizer do Observatório de Violência nas Escolas?

**MA:** Estamos fundando o Observatório Latino-Americano de Violência nas Escolas, pois não se trata de uma questão apenas brasileira – o problema da violência na escola existe em todo o mundo, sendo bastante forte na América Latina. Um observatório de amplitude continental será útil para fazer diagnósticos, estudar as realidades distintas dos países latino-americanos, mas não tão díspares, o que nos permitirá fazer propostas sobre diferentes questões relacionadas à violência nas escolas, com um olhar mais ambicioso e menos “local”.